

MULHER

Está patente ao público, na Galeria Gilde, em Guimarães, a 8.ª exposição individual de jóias e objectos de Kukas.

De reputação internacional, tendo exposto já em Nova York, Rio de Janeiro, S. Paulo, Madrid e Paris, Kukas arrisca agora uma mostra da sua obra, fora dos centros urbanos — mais precisamente numa quinta perto de Guimarães, como que a dizer «é ao norte que eu dedico a minha obra».

Falámos com ela nas vésperas da exposição e ouvimos o que tinha para nos dizer a respeito da vida, da sua obra e de si própria.

Fotos de ALBERICO ALVES



Olhai as jóias no campo

— Entrevista com Kukas

por MADALENA FRAGOSO

É em sua casa, ali na encosta do Castelo, que Kukas me recebe. E leva-me logo para junto da sua janela. A janela de onde se espreita a paisagem citadina e que traz ao interior da sala a luz quente e amarelada de um fim de tarde de Verão.

Tem a cidade a seus pés como uma castela de outrora. Percorre com o olhar o casario das ruas, o pormenor dos telhados, o pássaro que voa do beiral, a clarabóia que reluz ao sol. Kukas fala do que vê, sorridente, emotiva, calorosa, como que a desvendar o que se passa dentro dela.

— «É por tudo isto que eu gosto de estar livre. Para ver. Porque o momento que passa já não é igual, porque o pássaro que voa já não é o mesmo e eu já não vou ver aquilo outra vez... a luz já não é igual. É a sensação do momento único! Para mim, para o meu conceito um tanto hedonista da vida, a liberdade é a possibilidade e a alegria de poder agarrar o momento que passa, seja para ir atrás do sol contemplar o voo de um pássaro ou ouvir uma música que me agrada ao abrir o rádio, ou ainda prosseguir um pensamento.»

«Coleccionar — é o meu lado obsessivo»

Pouco depois comodamente instalada num sofá, olhei a sala. O conforto de chão de madeira, uns aros de portas altos e bonitos, estantes, quadros, livros, molduras, e objectos,

tos, muitos objectos. Era como que um recheio de muitas vivências em que cada elemento tinha uma história, uma razão de ser.

Num recanto, através de uma porta, como que fazendo parte da mesma sala, naquilo que teria sido em tempos um quarto interior de uma casa velha, via-se um canapé «grenat», uma colecção de solitários, um papel de parede em tons de malva escuros e fotografias antigas. Respirava-se ali o ambiente do princípio do século. Em contraste flagrante a actualidade da sala principal, com os objectos modernos — obras suas — com as paredes cobertas de pintura moderna portuguesa, com a estante metálica duma imensa colecção de búzios, estrelas do mar e conchas.

— «É o meu lado obsessivo — o colecionismo. Por mim, eu colecionava tudo. Até fiz uma colecção de caixinhas que vou agora expor em Guimarães. É que eu tenho uma dificuldade enorme em deitar fora seja o que for, porque uma coisa que pode não prestar para nada num dia, eu posso mais tarde olhar para aquilo com outros olhos ou com outra disposição; e de repente faz-me sugerir outra forma, outra coisa.»

A vida ordenada pelos ponteiros do relógio é patológica

Não metódica, nem no pensamento nem na acção — assim Kukas se classifica.

De facto as palavras em turbilhão, as frases inacabadas, as hesitações para encontrar a palavra certa, para logo de seguida retomar o fio à meada, faziam-me penetrar num labirinto de ideias em que apenas a própria sabedoria a

saída. Perdida nos atalhos, retomava de novo o caminho como se tudo o que para trás fora dito mais não fosse que um ensaio, um pensamento em voz alta, para precisar, de repente, numa frase curta, uma ideia definida que surge como uma descoberta.

Perguntei-lhe se existiria algum facto determinante para ser ter tornado a artista que hoje é.

— «Bom, realmente desde pequenina, as minhas tias contam que eu andava pelo campo e colhia florezinhas, tronquinhos ou pedrinhas que eu dizia na minha linguagem de criança — 'é bonito! é bonito!' Ora, eu acho que as pessoas nascem com uma certa sensibilidade, mas assim uma coisa determinante à partida para ser artista, não. Porque eu acho que as pessoas não nascem artistas. Há quem ache que sim, que o artista é um ser predestinado, mas eu penso que, apesar de tudo, as pessoas desenvolvem mais ou menos as suas aptidões inatas e pode até não se descobrir logo. Até acho que me faz uma certa confusão aquela ideia de estar predestinado!

Mas realmente o que estava na base de tudo isto, o factor determinante para ser tudo aquilo que sou hoje, tem a ver com o facto de não ter querido nunca ter horários!»

Que o verdadeiro motor de arranque para ser artista tivesse a ver com o «horror aos horários» parecia-me prosaico de mais e deixava-me perplexa. Pedi-lhe, pois, para concretizar:

— «Ainda estaria apenas latente a minha aptidão para a criatividade e que já

pensava como seria a forma de encontrar uma actividade que me libertasse da rotina, do quotidiano, da patologia dos horários. Eu acho que é patológica uma vida ordenada pelos ponteiros do relógio. Para alguns é possível que monotonia da rotina seja libertadora. Para mim, não. O facto de todas as apetências que possa ter estarem condicionadas pelo relógio de ponto é para mim castrante em último grau. Para mim acho mesmo que é a morte».

A rebeldia de uma mulher cuja meninice deixara marcas, a educação em colégio de freitas, a superprotecção de umas tias que ela adora e fazem parte integrante da sua vida, vem ao de cima. Kukas ri, gagueja, emociona-se.

— «Eu acho que a vida é aquela renovação constante que nos faz não morrer, é olhar cada momento que passa com um olhar renovado. Eu acho que, se há um compromisso que se interrompe, há muita coisa que escapa. Não é que não tenha de estar esporadicamente à hora marcada não sei onde. Eu isso abomino também, mas lá está, socialmente eu tenho que fazer isso. Agora não é o quotidiano. Se fosse no quotidiano — e eu penso nisso muitas vezes — eu penso que já tinha morrido.»

Usar jóias como quem ostenta uma comenda

O horror à rotina, aos horários à monotonia, se bem que possa explicar uma necessi-